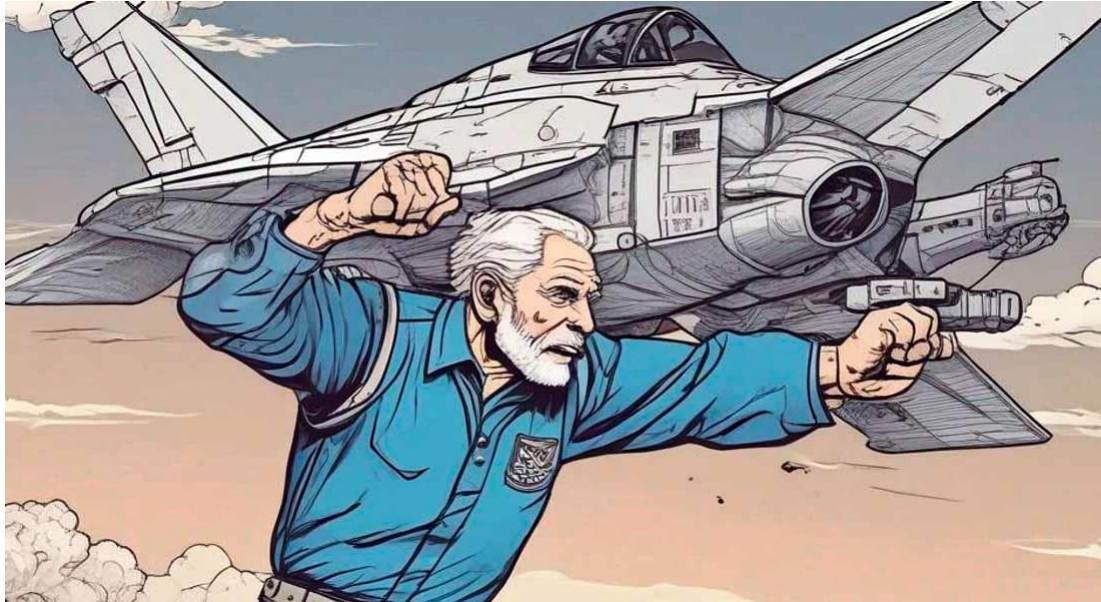


F-35: O AVIÃO DE US\$ 2 TRILHÕES EM “RIQUEZA GERACIONAL”

Por Dan Grazier e Lucas Ruiz*



Wonder IA.

O Joint Strike Fighter tinha um preço de US\$ 200 bilhões em 2001; hoje, os bebês nascidos naquele ano já saíram da faculdade e o avião ainda não está pronto para o horário nobre.

Em 26 de outubro de 2001, Jim Roche, o então secretário da Força Aérea (USAF), ficou atrás do pódio na sala de instruções do Pentágono para anunciar que a Lockheed Martin havia vencido a competição para construir o F-35 Joint Strike Fighter. Junto com ele no palco, estavam Edward Aldridge, o subsecretário de Defesa para Aquisição e Tecnologia, e Gordon England, o secretário da Marinha.

Todos os três se revezaram no microfone para apregoar as virtudes antecipadas do Joint Strike Fighter. “O Joint Strike Fighter é uma família de aeronaves de ataque multifuncionais de última geração de alta comunalidade, letais, sobreviventes, suportáveis e acessíveis”, disse Aldridge.

Todas essas alegações provaram ser espúrias em maior ou menor grau nos anos subsequentes, à medida em que o programa F-35 avançava por um processo de desenvolvimento aparentemente interminável, mas nenhuma tanto quanto a alegação “acessível”. Na época do anúncio, o F-35 deveria entrar em serviço ativo em 2008 e o programa deveria custar US\$ 200 bilhões.

Quase 23 anos depois, o F-35 é oficialmente o programa de armas mais caro da história, com um custo total previsto de US\$ 2 trilhões, e os engenheiros continuam a lutar para fazer o jato funcionar corretamente, com os custos de desenvolvimento e aquisição tendo mais que dobrado.

Os três homens que fizeram esse anúncio estavam chegando ao fim de suas longas carreiras. Aldridge se aposentou do governo em 2003 e passou a trabalhar no conselho da Lockheed Martin. Jim Roche deixou o Pentágono em 2005 e se tornou o diretor da Orbital ATK. Gordon England eventualmente se tornou vice-secretário de Defesa antes de se aposentar em 2009.

Por meio de sua decisão do Joint Strike Fighter, esses três homens comprometeram os Estados Unidos a gastar centenas de bilhões de dólares em um programa que provou ser um desastre absoluto. Eles criaram uma obrigação financeira maciça com a qual as futuras gerações de contribuintes devem arcar, sem que o programa tão elogiado tenha produzido qualquer um dos benefícios reais de segurança que deveria trazer às Forças Armadas dos EUA.

Quando as falhas conceituais do programa se tornaram óbvias, todos os três indivíduos já haviam deixado o serviço governamental há muito tempo e coube a uma geração inteira de seus sucessores salvar alguma coisa da bagunça que eles deixaram para trás.

É esse último ponto que os indivíduos que ocupam temporariamente cargos investidos com tais autoridades precisam manter em mente. Eles têm o poder de comprometer as gerações futuras com quantias realmente maciças de gastos. Todos os três principais tomadores de decisão do F-35 nasceram na década de 1930, o que os torna parte da Geração Silenciosa. A Geração X, os *Millennials* e as Gerações Z e *Alpha* devem arcar com o fardo de suas decisões.

O poder de gastar essa riqueza geracional não deve ser exercido de maneira superficial. Aqueles com o poder da caneta deveriam ser muito menos crédulos quando as pessoas os lançam em programas utópicos baseados em promessas e suposições tecnológicas não comprovadas.

Em meio a preocupações crescentes sobre a ameaça percebida de conflito de grandes potências e confronto nuclear, o *establishment* da segurança nacional e os formuladores de políticas confiaram em lições equivocadas sobre como os EUA mantiveram a paz e venceram a Guerra Fria para ressuscitar a confiança arrogante em tecnologia cara para fornecer, pelo menos no papel, uma superioridade militar que os americanos esperam que preserve a preeminência dos militares.

Figuras proeminentes no Congresso [americano] pediram um investimento “geracional” nos gastos com defesa dos EUA que veria os gastos com defesa aumentarem para 5% do PIB até 2030, com pouca consideração por aqueles que, em última análise, terão que pagar a conta. Embora seja hipoteticamente possível atingir essa meta, isso não significa que se deve.

Tomemos como exemplo a decisão de modernizar todas as três pernas da tríade nuclear simultaneamente, um empreendimento monumental (e provavelmente autodestrutivo) estimado em custar espantosos US\$ 1,7 trilhão nas próximas décadas, um valor que reflete a totalidade da dívida estudantil!

O problema é que os componentes individuais desse esforço provaram ser inesperadamente mais complicados e caros do que o projetado originalmente. Por exemplo, o programa de mísseis balísticos intercontinentais Sentinel da Força Aérea ultrapassou sua projeção orçamentária em mais de 81%.

Independentemente da justificativa dos formuladores de políticas para esse uso irresponsável do dinheiro dos contribuintes, tem havido uma completa falta de responsabilização dentro do aparato de aquisição de defesa. Os antepassados de amanhã estão falhando em usar este momento como uma oportunidade para evitar repetir os erros dos programas F-35, *Littoral Combat Ship*, porta-aviões classe Ford e destróieres classe Zumwalt, tudo isso enquanto minam a capacidade do americano médio de atingir os objetivos essenciais do sonho americano.

Despejar fundos no abismo, ou simplesmente nos bolsos dos executivos de defesa que então iniciam recompras de ações enquanto desfrutam de lucros recordes para a indústria de defesa trimestre após trimestre, garante que as gerações futuras serão forçadas a fazer sacrifícios em outras prioridades de segurança nacional, como infraestrutura, rede elétrica, dívida nacional, dívida estudantil, economia, educação, resiliência da cadeia de suprimentos, assistência médica e muito mais para cumprir os compromissos assumidos por líderes políticos que estão consignando as gerações futuras a uma dívida intransponível em nome de um conceito ilusório de “segurança nacional”.

Desde o ano 2000, os EUA aumentaram seus gastos com defesa em pelo menos 48% ao ajustar a inflação. Então, como pode ser que depois de terminar as guerras mais longas da história da nação, e já gastando mais em segurança nacional do que nos momentos de pico durante as Guerras do Vietnã e da Coreia, ainda é preciso gastar mais dinheiro em defesa?

A segurança e o bem-estar econômico das gerações futuras não serão manifestados por meio de decisões míopes de aumentar os gastos com defesa em nome de mais segurança. Continuar a imprimir dinheiro para o desenvolvimento de novos programas de armas que provavelmente estarão obsoletos quando estiverem prontos para uma guerra hipotética manterá os contratantes e acionistas de armas felizes, mas fará pouco para realmente tornar os americanos ou seus aliados mais seguros em meio a um mundo em rápida mudança.

É hora de os formuladores de políticas em Washington perceberem que há mais em segurança nacional do que apenas gastar mais dinheiro com as Forças Armadas, e dedicarem tempo e energia reais a uma estratégia realista e sustentável que crie confiança, prontidão e estabilidade em segurança nacional.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

***Dan Grazier** é membro e diretor de programa no Stimson Center. Ele é ex-capitão do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, tendo servido em missões no Iraque e no Afeganistão. Suas missões incluíram o 2º Batalhão de Tanques em Camp Lejeune, na Carolina do Norte, e o 1º Batalhão de Tanques em Twentynine Palms, Califórnia.

***Lucas Ruiz** é membro do Programa Reimagining U.S. Grand Strategy do Stimson Center. Ele é graduado pela Universidade de Connecticut, onde obteve um bacharelado em História com foco em diplomacia, poder global dos EUA, política nuclear e geopolítica do Leste Asiático.
